

Apresentação

Os artigos publicados em *Desigualdade & Diversidade*, nesta nona edição, abordam temas da atualidade, questões de história e de pensamento social. Os aspectos do momento presente enfocados são as políticas implementadas pelo governo Obama, nos Estados Unidos, nas áreas de educação e saúde; a questão habitacional nos centros urbanos brasileiros; as emergentes sociabilidades digitais; a valorização da questão feminina no Chile governado por Michelle Bachelet; e os modelos de competência que hoje predominam no mercado de trabalho. O tema histórico é a constituição da indústria fonográfica no Brasil; e o pensamento social é abordado num estudo da contribuição da natureza para a formação do imaginário nacional. A edição conta também com o dossiê “Civismo e cultura cívica na tradição político-cultural brasileira”, com artigos de Angela Randolpho Paiva, Christiane Jalles e Helena Bomeny, cuja apresentação é feita por Bomeny.

Entrevistamos, neste número, o professor emérito da Universidade de São Paulo e ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Ao longo da entrevista, Cardoso falou da sua opção pelas ciências sociais e da sua trajetória intelectual na Universidade de São Paulo, na qual consolidou, por influência de Florestan Fernandes, a “ideia de fazer da sociologia uma disciplina científica de base empírica”. Cardoso procurou também esclarecer sua posição em relação ao antigetulismo predominante nos tempos da Universidade de São Paulo, no que diz respeito às teses desenvolvimentistas defendidas pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), ou mesmo em relação aos antropólogos, questionados nos anos de 1950 por realizarem estudos de comunidades muito localizados. Sobre a realidade brasileira nos anos recentes, o ex-presidente procurou chamar atenção para o avanço dos processos de inclusão social no país, apesar da manutenção da desigualdade social, e para a necessidade de uma reforma do sistema eleitoral.

Iniciamos os artigos com a edição bilingue (português e inglês) de “Formulação de políticas em um sistema federal: a experiência dos Estados Unidos em educação e saúde”, em que John Portz discute duas políticas públicas no federalismo americano – a educação e a saúde. Portz apresenta não só a complexa relação nos três níveis de governo para a implementação das políticas – o federal, o estadual e o municipal – como também indica os desafios ora postos pelo governo Obama para a universalização dessas duas políticas sociais.

A discussão sobre o movimento dos sem-teto em São Paulo, desenvolvida por Nathália Cristina Oliveira em “Somos sem-teto e é essa privação que nos une”, mostra a importância da base social dos movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo. A autora, num primeiro momento, faz uma reflexão sobre a pertinência da categoria classe social como ferramenta heurística para a sua compreensão como movimento social, além de mostrar outros marcadores sociais como etnia, gênero e geração. Em um segundo momento, mostra a heterogeneidade dos vários movimentos, alegando que, apesar das diferenças e ações dos sem-teto, o caráter de classe é que permite entendê-los como um movimento social.

Em “Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais”, Adriana Braga lida com uma temática emergente e de extrema importância nos tempos atuais: as mudanças na maneira de as pessoas se relacionarem a partir do estabelecimento das “redes sociais”, notadamente o Orkut, o Facebook e o Twitter.

Eduardo Gonçalves deu uma contribuição historiográfica para a revista com o artigo intitulado “A Casa Edison e a formação do mercado fonográfico no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX”. Tomando como objeto a Casa Edison, primeira gravadora de discos a se instalar no Brasil no período da *belle époque*, Gonçalves analisa a importância desse empreendimento para o desenvolvimento da indústria fonográfica no país.

A invocação da natureza para a construção da identidade nacional é o tema analisado por Lucia Lippi Oliveira em artigo intitulado “Natureza e identidade: o caso brasileiro”. Oliveira comenta a importância dos elementos geográficos para a constituição do imaginário sobre o Novo Mundo e o Brasil, recorrendo a textos produzidos tanto por viajantes europeus que visitaram o Brasil ao longo dos séculos XIX e XX quanto pelos ensaístas Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Prado, figuras representativas do nosso pensamento modernista.

Em “En el nombre del género: el caso de Michelle Bachelet”, Maria de los Angeles Fernández Ramil e Fernando Rubilan Leal analisam o governo de Michelle Bachelet e mostram que, diferentemente de Cristina Kirschner e Angela Merkel, Michelle Bachelet sempre defendeu a causa feminina. Destacam ainda os desafios enfrentados por ela em um governo de coalizão complexo, desde o conservadorismo moral das várias lideranças até o simples desprezo pela questão de gênero. Depois de uma análise inicial sobre a representação política chilena e sobre a recepção do governo Bachelet nos diversos estratos sociais, os autores analisam se houve mudança estrutural na configuração política do Chile, que vá além da importância simbólica da eleição de Bachelet como a primeira mulher a dirigir o país.

Carla Martelli, em “Modelo de competência e democracia: o paradoxo de Jano”, usa a figura de Jano da mitologia greco-romana – entidade que guarda os portões e sempre olha

para os dois lados – para analisar as ambiguidades existentes nos modelos de competência que vigoram hoje no mercado de trabalho. Além do mais, reflete sobre os desafios para o sistema educacional e, como Jano, mostra como o modelo de competência no mercado de trabalho pode ser visto ora de forma hostil, ora de forma amistosa para a democracia.

Em seguida, fechando os artigos, publicamos o dossiê sobre cultura cívica, coordenado por Helena Bomeny.

Concluindo esta edição, Alessandra Maia Terra de Faria apresenta ao leitor a resenha do livro de Pierre Rosanvallon, intitulado “La Contre-Démocratie – La politique à l’âge de la défiance”, publicado pelas Éditions du Seuil. Alessandra Faria procura discutir o quadro analítico desenvolvido por Rosanvallon na abordagem das experiências democráticas contemporâneas, destacando as reflexões do autor sobre duas qualidades políticas: legitimidade eleitoral e confiança dos cidadãos em relação ao exercício do poder por parte de seus representantes.